

CONCEPÇÕES DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.

¹Priscila Myotin, ²Teresinha de Fátima Nogueira,
³Marco Antonio Villarta-Neder

¹Univap, Pós-Graduação, myotin@univap.br

²Univap, Pós-Graduação, terenog@univap.br

³Univap, Pós Graduação, marcovn@univap.br

Resumo: Uma das grandes dificuldades no aprendizado de língua estrangeira (neste caso, o Inglês) é a prática da leitura. Uma das possíveis razões para tal fenômeno é decorrente de grande parte dos alunos procurarem entender o texto a partir da tradução de palavra por palavra, utilizando um dicionário bilíngüe. Este trabalho objetiva analisar qual é a concepção de leitura do aluno da educação básica e que modelo de leitura esse estudante utiliza para o entendimento do texto em língua estrangeira. Os dados foram coletados através de um questionário que pretendia verificar os hábitos de leitura em Língua Estrangeira desses sujeitos. A análise dos dados foi realizada sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como principais conceitos o Interdiscurso, Heterogeneidade discursiva e a tipologia de silêncio de VILLARTA-NEDER (2002).

Palavras-Chave: Análise do Discurso, concepções de leitura, Língua Inglesa.

Área do conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

0. Introdução

Pensar no discurso como forma de materialização da linguagem, considerando que esta se encontra em constante movimento, nos faz discutir o processo de formação do discurso e sua produção de sentidos. Devemos considerar que o homem é um sujeito histórico e que ao produzir um discurso estabelece relações ideológicas. Então a linguagem quando produzida, tem por finalidade marcar o ponto de vista ideológico do sujeito.

Ao perceber as dificuldades que os alunos de educação básica têm em realizar leituras na Língua Inglesa, surgiu a seguinte questão: Quais são as concepções de leitura que esses sujeitos têm? Que imagem esse aluno tem de como deve ser feita a leitura?

A partir daí, foi elaborado um questionário para saber quais são as concepções de leitura desses sujeitos. As respostas dadas pelos alunos foram analisadas sob uma perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, basicamente com os conceitos de Formação Discursiva (PECHEUX e FUCHS, 1990), Interdiscurso (COUTRINE e MARANDIN, 1981 apud Brandão, 2002) e Heterogeneidade Discursiva e numa tipologia de silêncio (VILLARTA-NEDER, 2002).

1. Materiais e Métodos

Para a realização desta pesquisa foi aplicado um questionário para uma turma do 1º ano do ensino médio. Os alunos foram indagados quanto aos hábitos de leitura em língua Inglesa; se gostam de ler se têm dificuldades e ou facilidades e que práticas adotam para realizar essas leituras. Perguntas como relações entre texto e autor também foram relevantes para a análise do discurso dos alunos.

Trinta questionários foram analisados, no entanto, somente dez foram utilizados para a análise deste trabalho.

A pesquisa a seguir segue um caráter quantitativo.

2. Resultados

Os conceitos discutidos neste trabalho serão basicamente os de Formação Discursiva, Interdiscurso, Heterogeneidade Discursiva e Silêncio.

No entanto, antes de discutirmos os conceitos e analisarmos os discursos é importante esclarecer o conceito de discurso aqui assumido.

Entendemos o discurso como um conjunto de enunciados previamente determinados, que demarcam a posição do sujeito dentro de um contexto histórico-social e ideológico. A esse contexto chamarei de Formação Discursiva (FD daqui em diante).

São as FDs que possibilitam as diferentes produções de sentidos que um discurso pode ter, porque são elas quem vão determinar o que o sujeito pode ou deve dizer.

Formulado por Pêcheux e Fuchs (1990: 166-167):

“componente de uma formação ideológica que, sozinha ou interligadas a outras FD’s determinam o que pode e o que deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes”.

Um outro conceito importante para realizarmos a análise é o de Interdiscurso, pois sem ele, não há discurso.

Todo discurso ao ser produzido retoma saberes já partilhados em outras formações discursivas, sob outras condições de produção e (re)significa aquilo que já foi dito

Sendo assim:

“O Interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida (...) a incorporar elementos preconstituídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação”. (COURTINE e MARANDIN, 1981 apud BRANDÃO, 2002: 74)

Em uma relação interdiscursiva o sujeito pode, de forma consciente ou inconsciente, assumir alguns sentidos e apagar outros e mesmo assim esse discurso permanece presente sob a forma de silêncio.

No entanto, falar sobre silêncio não implica somente em falar na ausência do dizer, mas também da reafirmação daquilo que já foi dito, o silêncio, por exemplo, por excesso, que caracteriza a instauração da heterogeneidade (vozes) através da hegemonia de uma voz sobre outras(s).

O silêncio por excesso se dá pela sobreposição de uma voz sobre as outras, sob uma reafirmação do já-dito, a repetição, numa tentativa de desviar o olhar do Outro para outros sentidos, aqueles que o Eu acredita produzir.

Segundo Villarta-Neder (2002)

“(...) essa reafirmação do já-dito assevera a presença do olhar onde ele já está cerceando seu desvio para o discurso do obscuro do Outro, para onde – do ponto de vista do Eu – ainda há somente silêncio”.

O silêncio por ausência pode se dar pelo esquecimento, pelo não conhecimento ou ainda pelo apagamento de uma ou das várias vozes.

Assim, retomando o conceito de FD, que determina o que pode e deve ser dito em relação ao silêncio ela determina o que NÃO pode e o que NÃO deve ser dito estabelecendo assim efeitos de sentidos.

“(...) apagamento, mesmo provocado pela palavra, implica sempre a instauração de um tipo de silêncio, o que leva a considerá-lo como uma decorrência do silêncio. Sob uma ótica discursiva, torna-se obrigatório considerar-se não o texto¹ isoladamente, mas suas condições de produção”. (VILLARTA-NEDER, 2002)

Um outro conceito importante para esta análise é o das Heterogeneidades Discursivas.

As Heterogeneidades, mostradas (marcadas) e constitutivas (não maradas) é um conceito de Jaqueline Authier-Revuz e

¹ Entendido aqui como manifestação concreta do discurso, enquanto materialidade lingüística, dentro da enunciação.

foram baseados nos conceitos de dialogismo e polifonia, de Bakhtin.

3. Discussão

Dos alunos que responderam os questionários, muitos afirmaram que gostam de ler textos em inglês, mas que apresentam alguma dificuldade para leitura sem o auxílio de um dicionário bilíngüe.

Quando questionados sobre a prática da leitura, as respostas foram surpreendentes. Ao responder a questão sobre como realizam a leitura em Inglês e sobre como eles achavam que deveria ser feita essa leitura, as respostas que mais chamaram a atenção foram as seguintes:

Aluno 1: Como ele realiza a leitura: “Eu sempre leio com a ajuda de um dicionário para consultar as palavras que não conheço.”

Como ele acha que deve ser feita a leitura: “Eu acho que a leitura deve ser feita com um dicionário porque quando você não conhece uma palavra e procura sabe o que ela significa e você acaba aprendendo mais.”

O que chama a atenção para a resposta desse aluno é o fato de que quando ele diz que ao procurar no dicionário as palavras desconhecidas, aprende mais; a voz que emerge na superfície de seu discurso sob a forma de Heterogeneidade Constitutiva é a do professor. Nota-se aqui a presença do interdiscurso, ou a retomada de um outro discurso. O sujeito tem a ilusão de que o discurso é seu então ele apaga a voz do professor.

Uma outra resposta que chamou a atenção sobre dificuldades/facilidades e práticas de leitura foi a seguinte:

“Leio muita das vezes nas aulas de inglês. Não leio textos fora das aulas, ainda mais, porque não me dou muito bem com a língua, tenho dificuldade na parte de tradução.

Bom, nas aulas lemos o texto e depois traduzimos com a ajuda de um dicionário”.

O que percebemos aqui é que o sujeito silencia o fato de não gostar de fazer leituras em língua inglesa; ao invés disso ele afirma que não se dá muito bem com a língua.

O que ocorre aqui é um jogo de silenciamento de vozes. O enunciador diz “y” (que não se dá bem) para não dizer “x” (que não gosta da língua).

Um outro fato importante na realização deste questionário foram as respostas dos alunos em relação à opinião do autor contar ou não em um texto.

Ao responder se eles achavam importante fazer a relação com a opinião do autor, as respostas mais intrigantes foram:

Aluno 2: “Sim. Porque isso ajuda a compreender melhor e pensar sobre o assunto de acordo com a sua opinião, mas não faço essa relação.”

Aluno 3: “Não, eu não faço porque eu acho que não tem nada a ver.”

Aluno 4: “Eu não acho muito importante, mas é até bom. Pois assim vemos a visão do autor sobre determinado assunto. Mas não faço essa relação.”

Percebe-se que na resposta do aluno 4 existe uma relação interdiscursiva nas respostas dos alunos 2 e 3, ambos partem de uma mesma FD No entanto o discurso que emerge na superfície de seus discursos, é o do professor. Ou seja, é o professor que afirma a importância de se fazer relações com a opinião do autor em um texto, seja ele de língua estrangeira ou em língua materna. No entanto ao retomar esse discurso os alunos apagam os sentidos provocados pelo professor e mantêm a ilusão de que esse discurso é deles. A Heterogeneidade aqui se dá de forma mostrada: **é importante, mas não faço a relação.**

Já o discurso do segundo aluno que afirma não fazer a relação de leitura com a opinião do autor, nega o discurso do professor numa tentativa de defesa, para não ter que explicar o motivo pelo qual não adota o modelo de leitura sugerido pelo professor. A Heterogeneidade aqui se dá de forma constitutiva, ou seja, não mostrada.

4. Conclusão

O que se pode concluir é que os modelos de leitura utilizados pelos alunos são aqueles cuja tradução é colocada como prática, ou seja, o aluno faz a leitura do texto e o traduz sem se preocupar com o que está sendo dito e como está sendo dito. Isso nos remete aos modelos trabalhados por professores que ainda têm uma visão tradicional do ensino de língua estrangeira.

É importante pensar então, em atividades de leitura em que o aluno consiga realizar as atividades de forma que não precise trabalhar tradução de

palavra por palavra, e que procure sim, entender o texto de uma forma geral, fazendo associações com o seu mundo.

5. Referência Bibliográfica

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline.
Heterogeneidade(s) Enunciativa(s).
Cadernos de Estudos Lingüísticos.
Campinas/SP, IEL/UNICAMP, n°19: 25-42,
Jul/Dez. 1990.

_____, **Falta do dizer, dizer da falta: As palavras do silêncio.** In: ORLAND, Eni P. (org) *Gestos de leitura. Da História no Discurso.* Campinas/SP: 1994.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine.
Introdução à Análise do Discurso.
Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2002.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise Automática do Discurso.** In GADET, F. & HAK. T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.

VILLARTA-NEDER, Marco A. **Os movimentos do silêncio: espelhos de Jorge Luis Borges.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002. Mimeo.